



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o
3º Seminário Nacional do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**

Hotel Nacional – Brasília-DF, 25 de novembro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras,

Companheira Márcia, companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome,

Meus queridos companheiros ministros Eloi Ferreira, da [Secretaria de] Políticas de Promoção da Igualdade Racial, e Altemir Gregolin, [do Ministério] da Pesca e Aquicultura,

Senadora Serys,

Deputados federais Assis do Couto, Emília Fernandes e Nazareno Fonteles,

Nosso querido companheiro Graziano, representante da FAO para a América Latina, que o Brasil está indicando para ser o diretor-geral da FAO,

Nosso companheiro Naidison Baptista, conselheiro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea),

Nosso companheiro Ruimar Antônio de Farias, da comunidade quilombola Lagoa da Pedra,

Nossa querida companheira Francisca Izabel da Silva Bueno, presidente da Associação Cultural de Mulheres Negras de Passo Fundo, Rio Grande do Sul,

Nossa querida companheira Elisângela, representante dos movimentos sociais do campo,

Nossos queridos companheiros Cláudio, Rebeca, Pedro Francisco (incompreensível), Lavínia Alves de Salomão, e Ilda Maria de Resende Santos,

Companheiros e companheiras gestores e conselheiros estaduais e municipais de Agricultura, Assistência Social e Segurança Alimentar,



Meus companheiros e companheiras do Brasil inteiro,
Companheiros da imprensa,

Eu tenho duas coisas a fazer. Uma é ler alguns números aqui, para ver a imprensa registra, e outra é falar um pouco sobre o que está acontecendo neste país.

Primeiro, porque fiz questão de participar deste seminário porque o Programa de Aquisição de Alimentos simboliza os mais importantes legados das transformações sociais e políticas que a sociedade brasileira experimentou nos últimos oito anos.

Esse Programa foi, certamente, um dos principais responsáveis pelo sucesso do Brasil no combate à fome e à miséria. Em primeiro lugar, ele conseguiu garantir, a cada ano, que uma média de 160 mil agricultores familiares, em 2.300 municípios, contassem com um mercado garantido para sua produção, que foi vendida ao governo por um preço mais justo do que aquele que o mercado oferecia. Estou falando de gente que passou a ter uma vida mais digna e que voltou a confiar na sua capacidade de tirar da terra não apenas o sustento, mas os horizontes de um futuro melhor para si e sua família. Ele também possibilitou que mais de 3,1 milhões toneladas de alimentos comprados pelo governo chegassem à mesa de 15 milhões de brasileiros que, até então, viviam sob o risco da insegurança alimentar.

E isso se deu por meio de uma grande rede de cidadania, que envolveu 25 mil instituições. Eu quero dizer para a Márcia que quando eu li o meu discurso e vi 25 mil instituições, eu falei: acho que o pessoal que me deu esse número está exagerando. A primeira coisa que eu fiz quando eu cheguei ali, que eu chamei a Márcia lá para a sala foi: Márcia, esse número está certo? Ela falou: “Está certo, Presidente, são 25 mil instituições.” São escolas que oferecem merenda com mais qualidade a seus alunos; entidades que formam a rede de proteção social, como hospitais, creches e asilos; e equipamentos de



alimentação e nutrição, como os restaurantes populares, as cozinhas comunitárias e os bancos de alimentos.

O Programa de Aquisição de Alimentos conseguiu cumprir seu duplo papel. Por um lado, ele promove e diversifica a produção alimentar no país e fortalece a organização da agricultura. Por outro, garante a soberania alimentar entre os grupos mais vulneráveis da população, como é o caso dos povos e comunidades tradicionais.

Esses resultados já reservam ao programa um capítulo especial na história dos esforços de construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Não é apenas pelos resultados, contudo, que ele deve ser medido. A forma pela qual foi elaborado, gerido e acompanhado indica um Brasil diferente, caracterizado por uma nova relação entre o Estado brasileiro e a sociedade.

O Programa de Aquisição de Alimentos, como sabemos, foi concebido no Conselho de Segurança Alimentar – um foro de participação social que havia sido extinto em 1995, e que nós reativamos logo no início de 2003. Seu sucesso, portanto, é também decorrente da decisão de fortalecer o diálogo do governo com a sociedade, de modo a possibilitar a efetiva participação de todos no processo de formulação de políticas públicas. Esse mesmo diálogo construiu o projeto que mais tarde se transformou na Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional.

E foi também com o apoio de vocês e de toda a sociedade e de todas as instituições representativas que conseguimos o importante reconhecimento da alimentação como direito contido na nossa Constituição.

A verdade é que isso tudo vem ocorrendo porque assumimos, nós mesmos, a tarefa de comandar o nosso destino e o destino do nosso desenvolvimento. E fizemos isso enfrentando o mais urgente dos desafios brasileiros: o combate à fome e à miséria na vida de nossa gente.

Quero, portanto, transmitir os meus mais sinceros agradecimentos a todos vocês que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que o Programa



de Aquisição de Alimentos se tornasse uma realidade e que trabalham incansavelmente para que ele se torne cada vez melhor.

As transformações das quais vocês fizeram parte são apenas os passos iniciais do caminho de justiça social escolhido pela nação brasileira. E tenho a certeza de que, graças à força e à organização da nossa sociedade, o Brasil não irá se desviar dessa rota.

Companheiros e companheiras,

Eu... eu penso que está chegando o momento de nós começarmos a fazer um balanço das coisas que aconteceram em oito anos, não para que a gente chegue à conclusão de que nós conquistamos tudo, mas para que a gente chegue à conclusão de que ainda falta muito para a gente conquistar aquilo que nós entendemos que pode saciar uma vontade histórica do povo brasileiro, e concluir tendo a certeza de que quanto mais a gente conquistar, mais a gente vai reivindicar. E quanto mais conquista vier, mais a gente vai querer conquistar. É essa que é a base fundamental da evolução da espécie humana, é essa que é a base elementar da consolidação da democracia, e é essa que é a base elementar das conquistas sociais de um povo.

Eu, Graziano, há muito tempo, depois de conhecer muitos países socialistas e depois de visitar muitos países da Alemanha Oriental, depois de conhecer muito Cuba, depois de conhecer muito a Europa Ocidental, eu formulei uma tese, que ela pode não estar de acordo com os cientistas políticos, com os sociólogos, mas eu tenho uma tese. A minha tese é que a Revolução de 1917 que aconteceu na Rússia trouxe mais benefícios para a Europa Ocidental do que para a Europa Oriental. Porque, o que aconteceu? É que depois da constituição do mundo socialista, o mundo capitalista que foi fortalecido depois da Segunda Guerra Mundial, com medo do socialismo e também pela organização da sociedade, resolveu atender grande parte das aspirações da sociedade. E aí a gente via... eu tive a oportunidade, em [19]85, de visitar Berlim Oriental e Berlim Ocidental, de visitar os dois países que eram



um só até 1945, e ver a evolução da sociedade em um e ver a evolução da sociedade no outro. Eu cheguei em Berlim Oriental, me deram 500 marcos para a gente poder comprar coisas lá, e não tinha onde comprar. Essa é a verdade, você não tem onde comprar. E do lado da Alemanha Oriental, a gente via pela televisão o lado da Alemanha Ocidental, aquele povo com quase US\$ 30 mil de renda per capita, aquele povo tendo acesso a tudo. Eu ficava imaginando como é que a gente via o mundo daquele lado, em que você tinha dificuldade de ter acesso a bens materiais. Eu fui comprar uma máquina Praktica, Graziano. A máquina Praktica que eles me deram - que era na década de 50 a grande máquina de fotografia, que vocês, nenhum sabe, porque são todos jovens - ela tinha parado no tempo e no espaço. Eu comprei uma Praktica, Stuckinha, e quando cheguei ao Brasil, me disseram: “Está superada. Todas as outras já superaram ela.” Ela era o máximo! Porque não houve evolução.

O que está acontecendo no Brasil, hoje, que as pessoas não querem compreender? Tem muita gente que fica indignada “por que o Lula está terminando o governo com mais de 80% de aprovação, se nós passamos o tempo inteiro falando mal dele?” Eu acho que tem gente que não dorme, inquieto, preocupado, encomendando estudos sociológicos cada vez mais profundos para entender o que aconteceu. Não precisa fazer muitos estudos, é conversar com esse povo, que vocês sabem o que aconteceu no Brasil.

Eu lembro que quando nós criamos o programa Fome Zero, esse coitado do Graziano quase foi trucidado, porque quem morava nos lugares mais chiques do Brasil ou quem fazia jornalismo de dentro de uma sala com ar-condicionado dizia “não tem fome, no Brasil tem pobre, mas não tem fome.” Essas pessoas não lembram que quem estava criando o programa Fome Zero era um presidente da República que com dez anos de idade ia para a casa da outra mulher do meu pai para comer pão velho, porque não tinha na minha casa, isso em São Paulo. Então, imaginem, imaginem no Nordeste, imaginem



no semiárido e imaginem na periferia de São Bernardo, na periferia de São Paulo, na periferia de muitas cidades, que se passa a ideia de que não tem pobreza. É que a cada vez que chega um metro de asfalto, a pobreza vai sendo encurralada, encurralada cada vez mais distante, mais distante. Então, eu sei que o Graziano, coitado, entrava na minha sala, cada manchete contra ele: “porque é um programa de demagogia, isso é assistencialismo, isso é proselitismo, isso é não sei das quantas.” E mesmo dentro de setores da esquerda, meu companheiro Silvino... porque tem um tipo de esquerda que é a esquerda que vai ao bar, toma uma Coca-Cola e fica falando mal dos outros, é aquele que não produz, é aquele que pede a Deus para nunca chegar ao governo, nunca! É aquele que pede a Deus para nunca chegar ao governo, porque todas as teorias dele terão que ser colocadas em prática quando ele estiver no governo. No governo a gente não acha, a gente não pensa, a gente não teoriza, a gente faz ou não faz. E a gente faz de acordo com as possibilidades da gente. Isso é como na casa da gente. Não adianta a mãe querer fazer a comida mais chique se ela só tem feijão e arroz; não adianta o cara querer comer camarão se o máximo que tem lá é um peixinho mequetrefe que o Gregolin pescou. Ou seja, nós, no governo, temos que trabalhar com o que temos, tentando mudar a realidade para fazer muito mais.

E foi o que aconteceu e que está acontecendo. Quando você pega os dados estatísticos, hoje, do IBGE e você percebe que o desemprego chegou a 6,1[%]... Meus companheiros, eu fui o mais importante dirigente sindical deste país na década de 70 até o começo da década de 80. A gente vivia com desemprego era de 12%, era de 15%, era de 14%. A gente ficava com inveja quando diziam nos jornais: “A Europa tem desemprego de 6,2[%]”; “os Estados Unidos têm desemprego de cinco ponto não sei das quantas”. Era considerado pleno emprego. Pois bem, hoje a Europa tem 10% de desemprego, os Estados Unidos têm 10% de desemprego, países como a Espanha têm 20% de desemprego, e o nosso país tem 6,1[%] de desemprego.



E não me digam que foi porque a economia mundial está boa. Porque, antes da crise de 2008, eles diziam: “Ah, o Lula teve sorte. Eita bicho de sorte!” Eu preferiria que o Palmeiras tivesse, ontem, tido a sorte que eu tenho, e não perdesse de 2x1 para o Goiás, Márcia. Eu fiquei triste. Você sabe que eu era um cara que não gostava do Palmeiras, depois meu filho começou a trabalhar no Palmeiras, eu assistia jogo do Palmeiras. E como eu gosto muito do Felipão, eu queria que ele tivesse sucesso. E eu não sei por que ele perdeu ontem. Mas, veja, porque, talvez, não teve sorte. Você sabe que o Gilbertinho não conseguiu dormir, não é? Ele me disse hoje de manhã que teve que tomar um comprimido para dormir. Mas aconteceu isso comigo. Quando o Corinthians perdeu do Palmeiras a Libertadores, aquele famoso... aquele gol do Galeano, ajoelhado na trave, uns dez anos atrás, você sabe que eu fui dormir, eu pensei que eu ia ter enfarte? Uma dor no peito, uma dor no peito, uma dor no peito... Eu precisei falar: Marisa, me dá um remédio aqui, que eu vou morrer. E aquele Marcelinho perdeu o pênalti.

Então, eles diziam que eu tinha muita sorte, que eu tinha muita sorte. Aí veio a crise americana. Aí tinha gente que escreveu: “Agora eu quero ver, agora eu quero ver”. Aí eu disse: Essa crise vai ser uma marolinha. Aí me atacaram, me esculhambaram. Quantas coisas escreveram! E o Brasil foi o último país a entrar na crise, o primeiro a sair, e só entramos na crise, só entramos na crise porque alguns setores da economia brasileira se acovardaram, tiraram o pé do breque. Sobretudo, as indústrias nacionais de capital estrangeiro que, obedecendo às ordens das matrizes, meteram o pé no breque, com medo do que ia acontecer no Brasil. Nós fomos o primeiro país a tomar todas as medidas anticíclicas. Eu fui para a televisão No dia 2 de dezembro dizer para o povo: Olha, vamos comprar. Vamos comprar com responsabilidade, porque se a gente não comprar, aí a crise vai ser profunda. Se a gente não compra, o comércio não vende, não encomenda da indústria, a indústria não produz, desgraçou tudo. Vamos fazer a roda da economia girar. E



nós, então, hoje somos reconhecidos no mundo, junto com a China... Veja, eu fiz isso em um regime democrático, tendo que ouvir, tendo que ler muitas coisas contrárias. Lá, não. Lá, o partido decidiu, faz e acabou. Aqui nós estamos longe, eu também não quero esse negócio de partido decidir não. A sociedade é que tem que, democraticamente, decidir as coisas, contrariando...

Então, o Brasil, o Brasil hoje é reconhecido como o país que melhor soube lidar com a crise econômica. A crise não acabou ainda, vocês estão vendo na imprensa, estão vendo na imprensa o que está acontecendo com a Irlanda, com Portugal, com a Espanha, com a Grécia. Porque os países ricos, que sabiam e tinham todas as soluções quando a crise era nos países pobres, quando a dor de barriga deu neles, eles não sabem nem tomar um chá de capim-santo, não sabem.

Eu tenho participado do G-20, eu tenho percebido a fragilidade para encontrar soluções. E as soluções estão muito claras: em momento de crise, você não faz ajuste fiscal, como eles querem que faça; você incentiva o consumo, você incentiva a produção. O Estado faz aquilo que, muitas vezes, a iniciativa privada não quer fazer, e fomos nós que fizemos. Fomos nós que colocamos R\$ 100 bilhões no sistema financeiro, com o compulsório; fomos nós que compramos carteira de banco; foi o Banco do Brasil que comprou alguns bancos, para que a gente pudesse financiar a produção; em vez de a gente ficar amedrontado, nós anunciamos mais dinheiro para o PAC; nós fizemos o programa Minha Casa, Minha Vida. E a gente dizia: o pobre não pagará essa crise, o pobre não pagará. Não existe hipótese de alguém fazer um pobre brasileiro pagar uma crise de que ele não tem culpa. Que pague a crise quem fez a crise, e não os pobres.

Então, eu acho que nós, hoje, estamos colhendo, e a gente vai ter que, ao deixar o governo, deixar passar um tempo para a gente ir fazendo uma evolução... fazendo uma análise do que foi a evolução e o que precisa ser aperfeiçoado. Porque a companheira Dilma, ela não vai pegar um país a dez



por hora, como eu peguei. Ela vai pegar um país a 120 por hora. Ela vai ter que decidir se ela aperta um pouquinho mais o acelerador, se ela mantém a velocidade ou se ela procura abrir novos caminhos, sempre com o cuidado - e ela tem, porque ela é muito competente – de a gente não brincar com a economia. Porque a economia é como um trem que vai no trilho: parece fácil, ele está correndo, está correndo, mas se ele descarrilar, para a gente colocar ele outra vez no trilho, vai levar tempo para a gente consertar essa ferrovia. E ela tem consciência disso. Por isso eu acho, Márcia, que nós vamos ter mais avanços nas políticas sociais.

Mas eu queria dizer para vocês que não apenas o PAA, mas acho que a lei que nós aprovamos, obrigando a comprar 30% da alimentação escolar junto aos produtores locais é uma revolução que ainda está acontecendo neste país. Porque, na medida em que vai dando certo, a gente pode, em vez de 30[%], comprar 40[%]; em vez de 40[%], comprar 50[%]. A gente não pode aprovar... Eu lembro que uma vez a Contag, logo no começo do governo, queria que eu colocasse não sei quantos bilhões no Pronaf. Eu falei: companheiros, não pode ser assim. A gente não pode colocar 100, e vocês utilizarem 10. A gente tem que ir colocando na medida em que vocês vão evoluindo. Na medida em que vai evoluindo, vocês vão ganhando credibilidade de colocar mais, de colocar mais, de colocar mais. Até porque, em muitos lugares do Nordeste, o Pronaf não chegava. Ora, banco não atendia nem o presidente de um sindicato, imagine atender um peão com o pé descalço, imagine. E vocês sabem que isso mudou, mudou. Uma vez, eu estava negociando o Pronaf e eu perguntei: quantos Pronaf tem? Me apresentaram uma lista do tamanho deste quadro aqui. Era Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf... Acabava o dicionário brasileiro... o abecedário, entrava no russo, de tanta coisa que tinha. Eu falei: Meu Deus do céu, por que não diminui? Por que tem que ficar essa quantidade, Pronaf (incompreensível), Pronaf (incompreensível), Pronaf não sei o que lá, Pronaf (incompreensível), Pronaf... Não, não era possível. Ou seja,



levou um ano para a gente compreender que era preciso a gente facilitar. E também a gente compreender que as pessoas, na hora que têm responsabilidade, as pessoas pagam. Nós hoje estamos convencidos – e os números estão aí – de que o pobre paga mais do que os outros. Nós estamos convencidos disso, os dados estão aí, da inadimplência de todos os programas que nós fizemos, seja de microcrédito, seja do Pronaf, e se as pessoas não pagam, as pessoas só têm aquilo para viver, e o maior patrimônio dele é o nome e a cara. Ele não gosta de passar na frente da padaria que ele está devendo e o cara: “Ô seu Chico, está devendo aqui o pão”, ele não gosta, ele tem vergonha.

Então, veja, nós fizemos uma rede de crédito neste país que jamais foi pensado a gente ter essa rede de crédito. E ela só foi possível pela relação de confiança entre nós, pela relação de confiança. Porque, veja, o que nós estamos fazendo hoje não é uma coisa inventada por mim no governo. O que nós estamos fazendo hoje é uma coisa que a gente vinha dizendo que era para fazer desde os anos 80. Há quanto tempo nós brigamos para chegar no governo? Quantas eleições nós perdemos? Quantas greves derrotadas? Quanta passeata que não deu em nada? Ou seja, o que nós estamos fazendo é um acúmulo desse aprendizado que não estava em nenhum livro, estava na nossa caminhada. Tem gente aqui, que eu olho, que está há 30 anos nessa caminhada, junto comigo, há 30 anos.

Então, o que nós estamos é consolidando uma rede de trabalho que muita gente ainda não conhece. E eu vou citar uma aqui, Graziano, você vai para a FAO, para você poder ser eleito na FAO você tem que dizer o seguinte: Vocês estão lembrados do Programa Luz para Todos, não estão? Ninguém fala mais no Programa Luz para Todos porque, certamente, a maioria já recebeu luz. Mas vejam, o Programa Luz para Todos, quando nós idealizamos ele – a Dilma era ministra de Minas e Energia – ele era para atender 2 milhões de lares que não tinham energia. Aí, nós assumimos o compromisso, começamos



a trabalhar, quando nós atingimos 2 milhões nós descobrimos, além dos dois, mais 1 milhão. E, agora, nós começamos a fazer esse 1 milhão, já descobrimos mais 500 mil, ou seja, então aquilo que era 2 milhões, dito pelo IBGE, já passou a 3 milhões e meio.

Nós estamos fechando o governo atendendo até setembro a 2 milhões, 568 mil ligações. Isso envolve mais ou menos 13 milhões de almas brasileiras que saíram do século XVIII e vieram para o século XXI. Foram gerados, no Programa Luz para Todos, até agora, 385 mil empregos, Márcia. Foram utilizados, até agora, 947 mil transformadores. Foram utilizados, até agora, 1 milhão, 242 mil quilômetros de fio. Isso daria para dar 31 voltas na Terra, enrolando ela todinha com os nossos fios aí, para clarear o mundo de vez. E foram utilizados 6 milhões, 448 mil postes no Programa Luz para Todos.

Ou seja, o que isso possibilita... Eu não tenho a pesquisa aqui agora, mas nós fizemos uma pesquisa. Quando a pessoa recebe o Luz para Todos, 89% compra televisão para ver a cara do Presidente, ou 79% compra geladeira.

Gente, olha, quem não tem esse problema não sabe do que eu estou falando. Eu, em 1958, [19]59, eu morava na Vila Carioca, em um bairro lá em São Paulo, e a gente comprava cerveja quente, que era mais barato, a cerveja quente, no supermercado, era mais barato – ainda hoje acho que é, é. E a gente tinha um poço, então a gente colocava a cerveja em um balde, enfiava no poço, ficava lá para a gente beber e a gente achava que estava gelada. Mas quando a gente tinha dinheiro que chegava no bar e pedia uma bem geladinha, a gente via que a água do poço... Você imagina uma pessoa no Norte e Nordeste, que mata um porquinho, é obrigado a derreter a banha, pré-cozinhar a carne e meter lá dentro para ir tirando aos pedaços. É tão bom ter uma geladeira, um freezer e colocar lá dentro...

Então, 79% compra geladeira. Cinquenta e nove por cento das pessoas do Luz para Todos compra aparelho de som, 59. Liquidificador, deve ser acima



de 70%. Ou seja, isso, Graziano, é uma resposta que acham: “Ah, o Lula só faz coisas para os pobres”. Acontece que quando essa pessoa recebe o Luz para Todos, ela vai comprar, vai atender quem? A indústria que produz geladeira, a indústria que produz televisão, a classe média da cidade, o cara que tem loja, o cara que tem comércio, sabe? É essa roda gigante que nós estamos fazendo funcionar.

Qual é o milagre? É que nós aumentamos a quantidade de pessoas que andam na roda gigante. Já não tem um mutirão de miseráveis vendo uma pequena minoria privilegiada ficarem só eles rodando na roda gigante. Ou seja, nós trouxemos mais gente, fizemos mais roda gigante e a economia começou a girar. Então, sabe quanto, Graziano, nós colocamos no Luz para Todos? Quatorze bilhões de reais. No Amazonas tem gente recebendo, a ligação está custando R\$ 14 mil de tão longe que está, nós estamos procurando outras maneiras, mas para mim não importa que custe 14 ou que custe 20. Se é um cidadão brasileiro e ele não tem luz, ou eu trago ele para perto da luz, oferecendo oportunidade, ou eu levo a luz até esse cidadão. Eu tenho certeza de que a companheira Dilma vai reforçar ainda mais esse Programa.

Por fim, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês que nós vamos ter muito trabalho e eu quero que vocês continuem com a mesma motivação, para a gente ajudar a companheira Dilma. Eu sinto muito orgulho porque, depois de convencer o povo brasileiro a votar em um metalúrgico para ser presidente... e era preciso votar, para a gente poder acabar com o preconceito de que eu não sabia governar... e vocês sabem do preconceito que tem contra a mulher. A campanha contra a Dilma foi muito mais preconceituosa do que todos os preconceitos lançados contra mim. Então, não tem orgulho maior para mim do que ter eleito uma mulher presidente da República, não tem orgulho maior para mim. Porque eu acho que a mulher, embora na Constituição todos os direitos sejam iguais, a mulher não pode ganhar menos, a mulher... a verdade é que isso não acontece, não acontece nem com a mulher, não



acontece nem com o negro, não acontece... ou seja, está tudo na Constituição: “todos somos iguais perante a lei”, mas alguns são mais iguais do que outros, porque parte do problema está na cabeça, não está na lei. Então, a Dilma é a primeira oportunidade de a gente virar e fazer com que as mulheres confiem de verdade nas mulheres, e que as mulheres demonstrem que têm competência política. Eu quero dizer para vocês que a minha confiança é total e absoluta, total e absoluta. Vocês podem ter certeza de que vocês vão ter uma companheira, na Presidência, que vai ser motivo de orgulho para cada mulher, e vai ser mais orgulho ainda para aquelas que não votaram nela por preconceito, vai ser muito mais orgulho! Não, porque hoje eu encontro muita gente que fala para mim: “Lula, eu quero pedir desculpas porque eu não votei em você.” Muita gente fala, e isso é que é uma coisa legal, as pessoas...

E a Dilma vai ser essa coisa forte, as mulheres vão se sentir, eu diria, muito mais fortes, muito mais protegidas e, quem sabe, ocupar um espaço muito maior na política brasileira. Não basta ser a maioria, numericamente. É preciso que essa maioria numérica esteja representada em todos os fóruns. Embora as mulheres sejam maioria, 90% das mesas de que a gente participa é só homem, 90%! Também não dá para você inventar, também não dá para você inventar. Eu lembro quando nós aprovamos as cotas, no PT. Não basta você inventar e criar cotas. É preciso que você crie espaço, facilite o espaço para que a mulher possa participar. Se o marido quer participar, quem é que vai tomar conta das crianças? É preciso que haja uma repartição, o socialismo começa aí: ou vão os dois, ou tem que ter um revezamento, porque “ah, não dá”, vão os dois, mas colocam uma mulher de empregada doméstica, “também não dá”. Ou seja, é preciso que vão os três, então, é preciso que vão os três. São coisas que na teoria é fácil a gente dizer mas, na prática, é muito complicado a gente fazer, é muito complicado. As mulheres têm mais dificuldades de participar porque elas têm mais compromissos, não é? Aqui todo mundo é militante. Peça para nós para fazer um mingau para uma criança,



para ver quantos sabem fazer! Nós vamos deixar a criança morrendo de fome, para descobrir onde é que está a Maisena, onde é que está o açúcar, porque não é o habitat natural nosso, nós não vivemos numa sociedade...

Eu acho que nós evoluímos, evoluímos muito, eu acho que a sociedade brasileira caminhou de forma extraordinária. Eu acho que a Dilma é a consagração de uma luta de décadas que nós fizemos neste país. Eu fico muito orgulhoso porque a Dilma era uma mulher que na década de 70, muito jovem, o mundo dela ruiu. Então, era uma pessoa que tinha pensado que o mundo tinha acabado. Na hora que você milita na esquerda brasileira, você é presa por três anos e meio, e torturada, acabou. Essa mulher, que quem torturou ela pensou que tinha acabado com a vida dela na política, agora deve estar sendo torturado por dentro. Se a Dilma tomou choque, o choque que esse cara está tomando por dentro, agora, é de uma grandeza que ele não imagina. Ele vê aquela menina que ele torturou virar, depois de mulher, presidenta da República deste país, sem o ódio, sem o ódio que ele tinha, isso é importante, sem o ódio, sem mágoa, sem querer vingança, mas querer apenas construir, consolidar a melhoria de vida do povo deste país.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, estejam certos de uma coisa: eu apenas estou deixando a Presidência no dia 1º de janeiro, mas estejam certos de que eu continuarei peregrinando por este país, continuarei andando por este país, que a única coisa que eu aprendi a fazer é andar por este país discutindo com vocês, ajudando a nossa presidenta, ajudando os nossos deputados, ajudando os nossos senadores, ajudando os nossos sindicalistas, ajudando o nosso povo a cada vez viver mais, viver melhor, e consagrarmos a cidadania definitiva neste país.

Eu, de coração, eu sou grato a cada um de vocês. Eu sei que eu vou encontrar vocês em muitos lugares. Mas até o final do ano pode ser que eu não encontre mais vocês, e eu quero dizer o seguinte: eu sou muito grato, muito grato. Eu tenho dito para a Dilma: Dilminha, na hora do aperto, na hora do



aperto, na hora em que a coisa estiver ficando feia, não vacile, vá para perto do povo, que o povo é a nossa salvação. Não tenha medo nunca, não tenha medo. Quando não souber das coisas, pergunte ao povo, que ele ajuda a gente a decidir. Na dúvida, o povo é a solução. Eu acho que é por isso que eu sou grato a vocês, porque nesses anos todos eu nunca tive um gesto de incompreensão, de vocês, da lealdade da nossa relação. Porque não foi uma relação construída na Presidência, foi uma relação construída antes da Presidência, e muito antes da Presidência.

Por isso eu quero dizer para vocês que sou grato, sou grato porque dependeu de vocês o sucesso dos nossos programas, sou grato porque dependeu de vocês o sucesso do meu governo, e sou grato porque dependeu de vocês a melhoria da vida de milhões de excluídos que nós estamos formando homens e mulheres, cidadãos e cidadãs deste país.

Muito obrigado a todos vocês, de coração. E vamos continuar a luta, porque ela está apenas começando.

Um abraço.

(\$211 A)